

As bem aventuranças (IV): a revolução dos mansos

Na terceira bem aventura, o Senhor convida a cultivar um coração manso, disposto a cooperar com Deus com serenidade, humildade e firmeza. Novo artigo dirigido aos jovens.

09/07/2016

As pessoas que escutavam o Senhor na montanha olhavam umas para as

outras sem dizerem uma palavra; cada bem aventurança era uma surpresa. A força do seu discurso começava a entusiasamá-los, já que o Mestre se dirigia aos pobres e aos que choram, pessoas que até aí tinham tido um papel secundário na história de Israel.

Eles eram muitos, bastava ver o mar de gente que se congregava na colina, só necessitavam de um líder, um Messias que os lançasse na ação e os livrasse da sua miséria. Mas, com a terceira bem aventurança, Jesus abre-lhes de novo um oceano desconhecido e inesperado. Para sua surpresa, disse: *Ditosos os mansos, porque herdarão a terra.*

Se algum dos presentes procurava no Nazareno um líder social ou um justiceiro revolucionário, ficaria defraudado ao ouvir estas palavras. O Senhor está a convidá-los a vencer a ira com a serenidade, o ódio com o

perdão, a raiva com a mansidão. Tinham, portanto, que continuar a sofrer? Queria o Messias que renunciassem a lutar pela justiça?

De que mansidão fala Jesus? Para o entender melhor, é preciso adiantar umas páginas no Evangelho e ler que Ele mesmo dirá: *Aprendeí de Mim, que sou manso e humilde de coração*[1]. A mansidão que Cristo nos propõe é, portanto, uma característica do coração, lugar onde se geram e agitam as paixões que encham de altos e baixos a nossa vida, tornando-nos capazes do melhor e do pior, dignos de *herdar a terra* ou de nos arrastarmos por ela.

As rédeas da nossa vida

Alexandre Magno – o famoso guerreiro que conquistou um império no século IV a. C. – tinha apenas 16 anos quando o seu pai Filipe, o imperador da Macedónia, o nomeou chefe do exército. Como os

soldados se negavam a ser liderados por um rapaz tão jovem, para o humilhar, no dia da sua nomeação ofereceram-lhe um cavalo que nunca ninguém tinha conseguido montar. Chamava-se *Bucéfalo*. O animal era pura energia: que enormes serviços poderia prestar nas batalhas! Infelizmente, tratava-se de uma montada incontrollável; quando alguém tentava subir, empinava-se e lança-o pelo ar.

A nós pode ocorrer-nos, estarmos cheios de energia e de vontade para fazer coisas grandes, mas nem sempre somos capazes de controlar o nosso carácter. Quando, como o *Bucéfalo*, recai sobre os nossos ombros uma responsabilidade, por vezes não sabemos geri-la; gostávamos de terminar um trabalho, mas o desânimo vence-nos; procuramos ser amáveis, mas aborrecemo-nos logo; planeamos preencher uma tarde, mas depressa

os nossos propósitos esfumam-se, afogados na falta de vontade ou no desânimo...

Em todos esses casos, as paixões deitam por terra os nossos bons desejos, porque não é fácil controlar os próprios sentimentos. *“Não compreendo o que faço – escreveu S. Paulo, um pouco cansado de si mesmo – não faço o bem que quero mas pratico o mal que não quero”[2].*

Na juventude começamos a levar as rédeas da nossa vida e, por isso, as paixões irrompem nela com força: estão precisamente pensadas para nos ajudar a superar os obstáculos que encontraremos ao longo dos anos. Se bem que sejam necessárias, é importante aprender a geri-las para que não fiquem na nossa personalidade de maneira incontrolada.

Os aborrecimentos desmedidos e sem justificação, a falta de vontade

perante qualquer esforço, a preocupação excessiva por ter de tudo ou a sensualidade desenfreada são sinais de que ainda não conseguimos dominar as nossas paixões e, como o *Bucéfalo*, com a sua enorme força, tarde ou depressa, serão capazes de deitar por terra os nossos bons desejos.

Filhos do Grande Rei

Ao sentir os primeiros esticões violentos do cavalo, o jovem Alexandre Magno apercebeu-se do problema: *Bucéfalo* assustava-se com a sombra que o cavaleiro projetava no solo. O animal, nervoso, corcovava-se para se livrar do fantasma que pensava ver, agitava o corpo e levantava as patas, bufando enfurecido. No entanto, o soldado, perante a surpresa de todos os seus homens, não se deixou cair.

Como conseguir canalizar as paixões? Necessitamos de ser

guiados por um cavaleiro que, como Alexandre, mantenha a serenidade no momento da prova. Assim como o filho de Filipe sabia que necessitava dessa têmpera para chegar a ser um grande imperador, também nós descobrimos algo valioso em que gastar uma vida e que marca um objetivo claro   nossa vontade: ser discípulos do Senhor, melhorar o ambiente em que nos coube viver e chegar ao Céu.

Do mesmo modo que Alexandre, também nós somos filhos de Rei, filhos de Deus, e poderemos demonstrá-lo no bom uso das paixões. “Os filhos... Como procuram comportar-se dignamente na presença dos seus pais! E os filhos de Reis, diante do seu pai Rei, como procuram guardar a dignidade da realeza! E tu... não sabes que estás sempre diante do Grande Rei, o teu Pai-Deus?”[3].

Somos chamados a herdar o reino de Deus, a mudar este mundo e a viver para sempre; não são motivos suficientes para canalizar para esses ideais todas as energias que Deus nos deu em vez de as usar alimentando o nosso orgulho ou malbaratando-as em caprichos que valem o tempo que duram?

“Tu, sê muito rebelde”

Uma vez, um jovem perguntou a S. Josemaría: *“Padre, quando era jovem foi rebelde?”*. *“Oh, sim – respondeu o santo. Quando era jovem fui rebelde e agora continuo a sê-lo. Porque não me dá na gana protestar por tudo sem dar uma solução positiva, não me dá na gana encher a vida de desordem. Sou rebelde contra tudo isso! Quero ser filho de Deus, tratar a Deus, portar-me como um homem que sabe que tem um destino eterno e, além disso, passar pela vida fazendo o bem que puder, compreendendo,*

*desculpando, perdando,
convivendo... é esta a minha rebeldia!
De modo que eu sou mais rebelde do
que ninguém. Tu. sê muito rebelde,
que não é mau...”[4].*

O manso não é um ser apático ou passivo, que faz o que lhe dizem os outros; quem age assim é um pusilânime, um instrumento débil no qual o Senhor pouco Se pode apoiar. O manso é antes um rebelde que sabe dar bom uso as suas forças e que recorre a decisões enérgicas quando são necessárias para a mudança, como o Senhor demonstrou expulsando os mercadores do Templo.

A mansidão pode manifestar-se tanto externa como internamente. A primeira levar-nos-á a moderar o nosso génio; a discutir quando for necessário, mas respeitando a pessoa que pensa de modo diverso – não elevando a voz ou ferindo-a com a

nossa palavra; a respeitar a autoridade de pais ou professores, mesmo que nos imponham limites que não compreendemos bem; ou a viver as normas básicas de educação, como demonstração de respeito para consigo mesmo e para com os outros.

No interior, a mansidão é igualmente necessária. Aceitar os conselhos que chegam de quem nos quer bem – que nem sempre supõe que os entendamos, pelo menos inicialmente; – não agredir os outros na nossa imaginação; perdoar sempre, afastar qualquer tipo de vingança que corrói a alma; não rebuscar torcidamente segundas intenções nas ações ou palavras alheias; ou aceitar a vontade de Deus se os nossos planos se alteram sem que o possamos evitar, são alguns exemplos.

Diz o Papa Francisco que “a mansidão é a virtude dos fortes”[5],

já que esse domínio de si mesmo exige um coração grande, relativizar as contrariedades, aceitar os próprios defeitos, e pôr-se sempre ao serviço dos outros, “porque quem não vive para servir, não serve para viver”[6]. Portanto, o manso lutará, sem pausa, contra o orgulho; esse mentiroso que dissimula as próprias carências e transmite o medo de serem *usadas* pelos outros.

Olhar o sol

Alexandre Magno conseguiu com duros sofrimentos manter-se em cima do animal e, voltando-o, fê-lo olhar diretamente para o sol. Desse modo, o *Bucéfalo* não podia ver a sua própria sombra. Seguiram-se uns segundos de tensa espera, até que o cavaleiro e montada se acostumaram um ao outro, gostando um do outro, reconhecendo-se capazes de grandes aventuras. A partir daí, aquele cavalo gastou todas as suas energias nos

campos de batalha, acompanhando o conquistador nas suas contínuas vitórias.

Jesus venceu também mansamente, levando a cruz sobre os seus ombros em Jerusalém, como um animal de carga arrasta o arado, deixando atrás de si um sulco no qual a seguir crescerá a vida.

Só imitando-O – olhando o Sol – conseguiremos dar sentido à maravilhosa energia que encerram as nossas paixões, serenos, constantes, capazes de herdar a terra que Deus quer pôr nas nossas mãos. “Se respondes à chamada que o Senhor te fez, a tua vida – a tua pobre vida – deixará na história da humanidade um sulco profundo e largo, luminoso e fecundo, eterno e divino”[7].

* * *

Perguntas para a oração pessoal

- Sou violento com os outros? Deixo que os meus maus humores firam os que me rodeiam? Atiro-lhes a culpa de qualquer coisa que se altere no meu dia? Admito com serenidade a minha parte de responsabilidade?

- Sei perdoar? Evito qualquer juízo negativo contra os outros? Empenho-me especialmente com aqueles que não me caem bem?

- Escuto quando me falam? Aceito com simplicidade quando me indicam algo que fiz mal ou revolto-me com orgulho?

- Sou manso com Deus ou penso que já sei tudo? Sou constante na minha formação cristã?

- Fujo da apatia? Peço ajuda a Deus "se tudo tanto me faz"? Peço-Lhe que me ajude a ver os meus defeitos e a descobrir as necessidades dos outros?

Juan Narbona / Javier Bordonaba

[1] Mt, 11, 29.

[2] Romanos 7,15.

[3] S. Josemaria, *Caminho*, 265.

[4] S. Josemaria, *Encontro com jovens no Peru*, 13-VII-1974.

[5] Francisco, *Carta ao jornalista Alfredo Leuco*, 15-IV-2015.

[6] Francisco, Homilia em Havana (Cuba), 20-IX-2015

[7] S. Josemaria, *Forja*, 59.